Percepções Sobre Reportagens Que Abordam Agrotóxicos Postadas No Facebook Do Portal R7[1]

Adriana Maria DONINI[2] (UNESP)
Jéssica de Cássia ROSSI[3] (UNISAGRADO)

RESUMO

Veículos de comunicação tradicionais têm explorado a publicação de conteúdos em multiplataformas e a interação do público com a mídia se difere nessa nova configuração. Neste artigo, enfocamos duas reportagens sobre agrotóxicos postadas pelo portal R7 em sua página no Facebook, com foco na recepção desses conteúdos. Como referenciais teórico-metodológicos, utilizamos conceitos de cibercultura, sociedade em rede e teoria das mediações. Constatamos que os receptores expuseram conhecimentos adquiridos em seus cotidianos e também sociabilidade entre os participantes do diálogo estabelecido na rede social, seja para a indicar conteúdo, oferecer dicas e esclarecer dúvidas que surgiram nos comentários. Consideramos que mediações expostas por Martín-Barbero são compatíveis para a compreensão da percepção dos receptores.

PALAVRAS-CHAVE: agrotóxicos; Facebook; recepção; mediações; portal R7

1. Introdução

A popularização da internet ocorreu a partir da década de 1990 e, em meados dos anos 2000, com o surgimento de redes sociais digitais como o Facebook, teve início uma nova cultura na sociedade.

Autores como Pierre Lévy, Francisco Rüdiger e Manuel Castells procuraram compreender a cultura gerada por novos dispositivos comunicacionais sob diferentes pontos de vista.

A utilização das redes sociais tem sido crescente e, na atualidade, mais de 50% da população brasileira, faz uso desse tipo de ferramenta comunicacional.

Os meios de comunicação de massa expandiram seus conteúdos para as novas plataformas, o que possibilitou interação mais direta com o público e maior abertura

[1] Trabalho apresentado no GT Comunicação Digital e Tecnologias, do PENSACOM BRASIL 2019.
[2] Mestre em Comunicação pela Unesp, câmpus de Bauru. Graduada em Jornalismo pela Universidade do Sagrado Coração (USC), e-mail: dridonini@gmail.com
[3] Docente dos cursos de Comunicação do Centro Universitário do Sagrado Coração (UNISAGRADO) Bauru/SP. Doutora em Ciências Sociais pela Unesp/Marília, Mestre em Comunicação e graduada em Relações Públicas pela Unesp/Bauru, e-mail: jessicacrossi@yahoo.com.br.

para as pessoas exporem suas opiniões. Desse modo, temas atuais postados nas redes sociais têm gerado debates que possibilitam compreender como parte da sociedade que se expressa nesses espaços reage diante de publicações.

Embora desenvolvida em outro contexto comunicacional, em que a televisão se destacava, a teoria das mediações proposta por Jesus Martín-Barbero e revista pelo autor ao longo dos anos, é um dos referenciais que pode ser útil na compreensão das leituras estabelecidas em relação a postagens realizadas pelos meios de comunicação tradicionais em suas redes sociais.

O tema agrotóxico tem sido abordado com certa frequência na mídia em decorrência de estudos, legislações e efeitos causados à saúde e ao meio ambiente.

Assim, neste artigo enfocamos a percepção sobre reportagens televisivas postadas no Facebook do portal R7, a partir de comentários realizados nessa mídia social. Para a compreensão, nos valemos de conceitos como cibercultura, sociedade em rede, autocomunicação e mediações.

2. Sociedade conectada em rede

A pesquisa TIC Domicílios 2018 do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) apontou que 120,7 milhões de pessoas tinham acessado à internet há menos de três meses da realização da investigação (CGI, 2019).

A rede social digital mais acessada é o Facebook. Em abril de 2018, segundo dados do Facebook, estavam cadastrados nessa plataforma 127 milhões de brasileiros (AGÊNCIA BRASIL, 2018).

O fenômeno de interação e exploração dos aparatos tecnológicos pela sociedade é denominado de cibercultura - expressão utilizada de forma pioneira por Alice Hilton, em 1964 - e que se refere ao período de expansão tecnológica.

Vários autores expressarão suas concepções sobre cibercultura em diferentes fases das evoluções tecnológicas. Um dos pesquisadores bastante mencionado é Pierre Lévy, o qual compreende esse termo como “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (1999, p. 17).

Na visão dele, a internet representa um espaço global, ágil e criativo, que fomenta a cooperação entre as pessoas (inteligência coletiva), embora considere que a prática é que vai determinar o papel da tecnologia como positivo ou negativo.

Rüdiger (2013, p.11), por sua vez, apresenta o seguinte entendimento sobre cibercultura:

> [...] poderia bem ser definida como a formação histórica, ao mesmo tempo prática e simbólica, de cunho cotidiano, que se expande com base no desenvolvimento das novas tecnologias eletrônicas de comunicação.

O autor também destaca que, na mídia digital, a comunicação possibilita a interação humana ativa e em mão dupla com os próprios meios e equipamentos que a viabilizam e a interação social entre os seres humanos.

Castells (1999) procura compreender o funcionamento da sociedade em rede e analisa a era da informação sob outra óptica. O sistema capitalista das sociedades é um ponto destacado nas abordagens da "sociedade em rede".

A ampliação dos canais tradicionais possibilitada pelas novas ferramentas tecnológicas está entre os focos de suas reflexões: "a comunicação de massas no seu sentido tradicional agora também é uma comunicação baseada na internet tanto em sua produção como em sua transmissão". (2009, p. 101 – tradução nossa)

O papel ativo dos cidadãos na rede e a sociabilidade possibilitada é outro enfoque desse pesquisador: "Nas redes sociais e organizativas os atores sociais, promovendo seus valores e interesses e interatuando com outros atores sociais, estão na origem da criação e programação das redes". (2013, p. 11)

Para exposição do processo de circularidade da mensagem, ele se vale do referencial de Umberto Eco, segundo o qual emissores e receptores introduzem seus próprios códigos na interpretação e filtragem das mensagens.

A interação proporcionada na dinâmica comunicacional contemporânea é denominada por Castells (2009) de autocomunicação, que seria responsável por multiplicar e diversificar os pontos de entrada no processo de comunicação e, na visão dele, proporcionaria autonomia na emissão de mensagens e na recepção. Ele a considera como comunicação de massa porque possibilita audiência global por meio das redes

Embora Castells não tenha adotado a teoria das mediações de Martín-Barbero em seus estudos que contemplam a autonomia dos indivíduos no cenário marcado pelas novas tecnologias e interação nas redes sociais, consideramos que esse referencial, abordado a seguir, seja compatível para compreender a recepção no cenário comunicacional contemporâneo.

3. Teoria das mediações de Martín-Barbero e pertinência no novo fluxo comunicacional

Na América Latina, os estudos de recepção começaram a se intensificar nos anos 1980, porque até então predominavam pesquisas que consideravam a dominação dos meios de comunicação e passividade do público.

Jesús Martín-Barbero está entre os autores que trouxeram contribuições à análise mais ampla do processo de recepção. Ele acredita que na reinterpretação das informações que as pessoas recebem cotidianamente há interferência de fatores sociais, culturais, políticos e educacionais, ou seja, de mediações.

Lopes (2014) enfoca esse termo empregado pelo autor da seguinte maneira:

> É um conceito síntese que capta a comunicação a partir de seus nexos ("nós"), dos lugares a partir dos quais se torna possível identificar a interação entre os espaços da produção e do consumo da comunicação. De modo que a própria produção é vista em diálogo com as demandas sociais e com as novas experiências culturais que emergem historicamente a partir da materialidade social. (p. 68)

Inicialmente, Martín-Barbero apresenta três lugares de mediações: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

Em relação à cotidianidade familiar, o autor considera que essa mediação abarca a proximidade que a televisão procura estabelecer com o telespectador, conforme explica:

> [...] a mediação que a cotidianidade familiar cumpre na configuração da televisão não se limita ao que pode ser examinado no âmbito da recepção, pois inscreve suas marcas no próprio discurso televisivo. (2003, p. 305)

Assim, a tentativa de diálogo que o interlocutor busca na interação com o público, bastante comum em programas televisivos, está relacionada a esta mediação.

Quanto à temporalidade social, ele considera que o tempo cotidiano é fragmentado, repetitivo, e se opõe ao tempo produtivo, o qual é medido.

Sobre a competência cultural, ela pode ser interpretada como conhecimentos adquiridos pelos indivíduos, além da educação formal, por meio da cultura étnica, vivência nos locais em que moram e frequentam, enfim, conteúdos adquiridos pelas pessoas das mais variadas formas ao longo de suas vidas.

Mais tarde, Martín-Barbero (2003) expõe um novo mapa de mediações, no qual considera as novas complexidades nas relações constitutivas entre comunicação, cultura e política. Dessa maneira, há o que ele denomina de deslocamento das mediações

culturais da comunicação para as mediações comunicativas da cultura. No esquema elaborado por ele são apresentadas as mediações socialidade, institucionalidade, ritualidade e tecnicidade.

Segundo o autor, a socialidade é "gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se". (ibid, p. 17)

Jacks, Menezes e Piedras (2008) explicam que essa categoria possibilita a análise do cenário no qual os receptores atuam e interatuam.

A institucionalidade é apresentada por Martín-Barbero (2003, p. 17) como:

> [...] uma mediação densa de interesses e poderes contrapostos, que tem afetado, e continua afetando, especialmente a regulação dos discursos que, da parte do Estado, buscam dar estabilidade à ordem constituída e, da parte dos cidadãos - maiorias e minorias -, buscam defender seus direitos e fazer-se reconhecer, isto é, re-constituir permanentemente o social.

No caso da ritualidade, Martín-Barbero (ibid., p. 19) destaca que ela "[...] remete ao nexo simbólico que sustenta toda a comunicação: à sua ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas, seus cenários de interação e repetição". Já na sua relação com discursos, gêneros, programas, isto é, com os formatos industriais, elas constituem o que ele denomina de "gramáticas da ação", ou seja, olhar, escutar, ler, que regulariam os espaços e tempos cotidianos e os espaços e tempos dos meios.

Sobre a tecnicidade, o estudioso alerta para que não ela seja restringida a aparatos tecnológicos e que a mesma pode revelar formas de inovação presentes na produção e que interferem nos discursos e percepções dos receptores. A destreza discursiva dos meios é incluída nessa categoria.

No livro "Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura", publicado em 2004, o autor propõe outras atualizações. Em 2009, o autor fará nova revisão dessas categorias. O seu mapa será composto por tempo, espaço, migrações e fluxos. Sobre esse novo pensamento, ele fez a seguinte declaração em entrevista concedida à Revista Pesquisa Fapesp:

> Então as mediações passam a ser transformação do tempo e transformação do espaço a partir de dois grandes eixos, ou seja, migrações populacionais e fluxos de imagens.
> [...] Os fluxos de imagens, a informação, vão de norte a sul, as migrações vão do sul ao norte. E há a compressão do tempo, a compressão do espaço e é aí que eu recomponho as duas mediações fundamentais hoje: a identidade e a tecnicidade.

> [...] Saímos da visão instrumental da técnica, saímos da visão ideologista da tecnologia. A tecnicidade está no mesmo nível de identidade, coletividade – e é muito importante a fonética. Ligo tecnicidade ao que está se movendo na direção da identidade. (p. 7)

Scolari (2008, p. 114 apud SILVA e CARDOSO, 2016, p. 91) procura aproximar a mediação à cibercultura e cria o termo hipermídia. Sobre esse conceito, ele esclarece que:

> [...] Ao se falar em hipermediação não nos referimos muito a um produto ou um meio, mas sim a processos de troca, produção e consumo simbólico que se desenvolvem num ambiente caracterizado por um grande número de sujeitos, meios e linguagens interconectados tecnologicamente de maneira reticular entre si.

Lopes (2014) acredita ser pertinente utilizar as proposições de Martín-Barbero relacionadas aos meios de comunicação tradicionais para o contexto contemporâneo.

A esse respeito, a autora ela explica que:

> É possível transportar essa ideia desenvolvida acerca dos meios tradicionais para a lógica da sociedade em rede multiconectada, que traz, especialmente por meio do uso do computador e do celular, o acesso às novas mídias digitais. Novas formas de ação e novos tipos de relacionamentos sociais emergiram por meio do desenvolvimento dos meios de comunicação, permitindo novos modos de interação.

Diante do exposto, reforçamos que consideramos pertinentes à aplicação de mediações propostas por Martín-Barbero à compreensão da interface entre conteúdos de meios de comunicação presentes em redes sociais e receptores.

4. Portal R7

O portal R7 (www.r7.com) foi criado em 2009 e pertence ao Grupo Record, que abrange a Rádio Record, a Record TV e o canal Record News.

A TV Record, atualmente intitulada Record TV, foi inaugurada em 1953, após solicitação do canal pelo comunicador Paulo Machado de Carvalho. Nos anos 1960, a emissora liderou a audiência com a popularidade dos Festivais de Música e do fenômeno da Jovem Guarda.

Na década de 1970, foi adquirida pelo empresário Silvio Santos. Em 1991, o bispo Edir Macedo (fundador e dirigente da Igreja Universal do Reino de Deus) passou a ser proprietário desse canal e foi implantado o formato de rede. A partir de então, a empresa procurou seguir modelos adotados por outras emissoras de TV, mas também

reservar horários para programas de cunho religioso. Em busca de ampliação da audiência, os segmentos de notícias e novelas foram alvos de investimentos.

A página do R7 no Facebook conta com, aproximadamente, 13.500.000 curtidas.

5. Agrotóxicos

Nos últimos anos têm se intensificado debates e pesquisas referentes à utilização excessiva de agrotóxicos nos alimentos *in natura* e consequências dos pesticidas ao meio ambiente e à saúde. Com a popularização, o tema também passou a estar mais presente na agenda midiática.

Em 2014, por exemplo, houve ampla divulgação de que, segundo ambientalistas, cada brasileiro consumia, em média 5,2 litros de agrotóxicos por ano. Na oportunidade, foi lançada a Campanha Permanente contra os Agrotóxicos pela Vida.

O uso de pesticidas começou a se expandir na década de 1940 e teve crescimento acelerado na década de 1960, em decorrência da isenção de impostos e taxas de importação, além de crédito que estimulava aquisição de agrotóxicos.

No início dos anos 1970, o Banco do Brasil tornou obrigatória a destinação de 15% do valor dos empréstimos de custeio para aquisição de agrotóxicos. Com o Programa Nacional dos Defensivos Agrícolas, efetivou-se a instalação da indústria de agrotóxicos no país. A Lei n° 7.802 - Lei dos Agrotóxicos - (BRASIL, 1989) também alavancou a ampliação do registro de substâncias tóxicas, diversas delas proibidas em outros países.

Segundo levantamento realizado pela Agência de Jornalismo Investigativo Pública, em agosto de 2018, a partir de dados do Ministério da Saúde, nos últimos 10 anos, cerca de 40 mil pessoas foram atendidas no sistema de saúde brasileiro após serem expostas a agrotóxicos. (FONSECA, 2018)

Ribeiro e Vieira (2010, p. 1) ressaltam que: “O maior risco de efeitos indesejados dos agrotóxicos ocorre por meio da contaminação do sistema hidrológico, que mantém a vida aquática e as cadeias alimentares a ele relacionadas”.

Assim, os agrotóxicos podem causar efeitos deletérios à saúde dos que consomem alimentos com excesso de pesticidas, agravo na qualidade de vida de trabalhadores expostos a substâncias aplicadas em lavouras e ao meio ambiente.

Tendo em vista as diversas implicações dos processos e políticas de utilização de agrotóxicos cada vez mais evidenciados na contemporaneidade, o tema está presente com certa frequência na mídia.

6. Análises das reportagens

A amostra estudada teve por base pesquisa realizada na página do R7 no mês de dezembro de 2017, época em que realizamos esta etapa de investigação. Foi feita busca em publicações pela palavra agrotóxico e também como filtro foi delimitado o segundo semestre de 2017.

A seguir, apresentamos breve descrição das reportagens contempladas nesse artigo e as percepções sobre as mesmas manifestadas na página do Facebook do R7, associando as leituras produzidas a mediações comunicativas da cultura presentes no mapa apresentado por Martín-Barbero (socialidade, ritualidade, tecnicidade e institucionalidade).

Na classificação utilizamos as mediações mais evidenciadas nos comentários. Portanto, nem todas as quatro categorias foram incluídas em cada análise.

Reportagem 1 - Bicarbonato de sódio ajuda a eliminar agrotóxico de frutas e verduras

Foi publicada em 31 de outubro de 2017 (https://www.facebook.com/portalr7/videos/1510097282414499/). As apresentadoras citam que pesquisa realizada nos Estados Unidos mostrou que o bicarbonato de sódio "produto comum na cozinha de muitas casas" pode retirar quase todo o agrotóxico da maçã e ser utilizado com essa mesma finalidade em outras frutas, verduras e legumes.

O vídeo foi ilustrado com uma autônoma que utiliza hipoclorito de sódio para higienização e eliminação de resíduos de agrotóxicos. O repórter dialoga com a entrevistada dizendo que os hábitos precisarão ser revistos após descoberta de estudo realizado na Universidade de Massachusets. Um toxicologista foi a fonte que comentou a pesquisa, o qual considera o estudo importante, mas recomenda que não se deixe de utilizar também o hipoclorito.

Na reportagem, utilizou-se infográfico com o objetivo de elucidar os procedimentos da investigação científica. Na sequência, há explicação de como deve ser

o uso do bicarbonato. O vídeo é finalizado com o repórter indagando se a entrevistada estaria disposta a mudar o seu hábito e ela comenta que sim.

No Facebook do R7, canal em que a reportagem foi postada, no início de dezembro de 2017, havia cerca de 7 mil curtidas; 7,2 mil compartilhamentos; aproximadamente 639 mil visualizações; e 882 comentários.

Ao analisarmos os comentários, percebemos várias ressignificações estabelecidas pelo público e que incluem, por exemplo, a concordância com o método sugerido, indicação a outras pessoas, questionamento do estudo científico, necessidade de melhor avaliação do periódico que publicou o estudo, exposição de hábitos e conhecimentos próprios. Agrupamos alguns desses comentários[4] em mediações apresentadas por Martín-Barbero.

Socialidade

A possibilidade de interação do público com a reportagem, por meio de comentários, propiciou às pessoas indicarem o conteúdo e método proposto no vídeo, compartilhar conhecimentos adquiridos e, inclusive, procurar, por meio desse espaço, esclarecer dúvidas sobre formas de aquisição e utilização do produto recomendado:

> Esse bicarbonato vende onde? E como usar? (C.V.)
> Aqui na Europa, eu encontro no mercado, mas, se você mora no Brasil, você deve encontrar na farmácia. (P.F.)
> Tintura de iodo tira 99% (M.O.)
> Como usa a tintura de iodo? (M.B.)
> 5 Gotinhas em um litro de água na salada. (M.C.)
> Queridas amigas e amigos, aqui vai uma excelente receita, melhor do que produtos desengordurantes do supermercado, 3 pacotinhos de 40g bicabornato, três pacotinhos de 40 gramas de sal amoníaco [...]
> Aline Carla, tem que dizer isso pra sua mãe. (L.T.)
> Pelo que eu sei, o agrotóxico já está penetrado nas frutas, nas verduras, enfim, em tudo. Coloco de molho na cândida *Ypê* pois é muito bom. Mais não vai resolver por completo. (M. A.)
> No caso das maçãs, tem que raspar com a faca, pois são enceradas e, toda sujeira, fica na cera, e o agrotóxico está por baixo da cera (D. B.)
> Minha nutricionista disse que o hipoclorito de sódio detona com a tireoide... (A.P.F.)

[4] Para melhor compreensão dos comentários, realizamos correção de erros de ortografia, mantendo, no entanto, a fidelidade da ideia expressa.

Conforme apontam Jacks, Menezes e Piedras (2009, p. 36): "Essa categoria permite analisar os cenários onde os receptores atuam e interatuam, onde exercem suas práticas e seu *habitus*, onde a subjetividade e as identidades constroem-se e reconstroem-se [...]

Pelos comentários, notamos estabelecimento de relações cotidianas com o meio e de conexão da tradição cultural e de saberes adquiridos em várias instâncias com a cultura massiva.

Ritualidade

Em contato com o produto midiático, os receptores revelaram hábitos já adotados, implementados por influência tecnológica ou que viriam a ser utilizados após acompanhar a reportagem:

> Já substituímos o sal pelo bicarbonato em casa faz tempo. (G. M.)
> Eu uso esse método já faz tempo. Vi em uma reportagem na TV. (C.M. S. S.)
> Uso até nas lavagens de roupas. Para a limpeza da casa, armários, geladeira, fogão é excelente! (N. A. B)
> Aprendi isso de pequena com minha vó. (A.L.)
> Indo comprar meu bicarbonato. (L.A.)
> Muito bom, vou fazer também. (SC)
> É por isso que não abro mão do meu bicarbonato na cozinha. (C. A.)
> Sempre usei em casa...pra tudo! (A. F. L.)
> Eu uso o bicarbonato para dar brilho na corrente de prata. Só deixar de molho. (L.S.F.S.)
> Temos que adotar esses métodos (J. V)

Sobre uma das vertentes da ritualidade - na relação com as competências de recepção -, Martín-Barbero (2003, p. 19) comenta que:

> De outro lado, as *ritualidades* remetem às múltiplas trajetórias de leitura ligadas às condições sociais de gosto, marcadas por níveis e qualidade de educação, por posses e saberes constituídos na memória étnica, de classe ou de gênero, e por hábitos familiares de convivência com a cultura letrada, oral ou audiovisual [...]

Conforme é possível observar nos comentários acima, identificamos diferentes trajetos de leitura, alguns ligados a costumes familiares, outros relacionados a conhecimentos adquiridos de várias maneiras pelos receptores. Alguns hábitos que, segundo relatos, passariam a ser utilizados, inclusive, teriam influência do discurso presente no vídeo.

Tecnicidade

Os recursos utilizados na reportagem tornaram o conteúdo abordado compreensível por várias pessoas que ficaram estimuladas a colocar em prática o que foi mencionado, ou seja, o meio conseguiu comunicar a mensagem pretendida (competência discursiva):

> São essas notícias que queremos ver. (A. C.)
> Muito bom, vou fazer também. (S. C.)
> [...] agora vou passar a usar o bicarbonato. (V. A.)

No entanto, para outros receptores a mensagem de que as pessoas teriam que rever os hábitos após o estudo mostrado não foi hegemônica. Eles consideraram que não havia novidade na notícia, apesar de o toxicologista entrevistado salientar que o estudo representava um novo marco. Houve ainda questionamento sobre a validade do método:

> Valha, já sabia faz tempo. A minha mãe sempre coloca quando vai lavar frutas e verduras. (K. H.)
> Isso é velho, faço isso há anos! (N.A.B)
> Record, vou parar de assistir. Só traz notícias repetidas. Um porre. (NG)
> Vale a pena pesquisar essa revista científica que foi feita a publicação. (A. R.)
> Deveriam ter citado o trabalho científico. (L. D. F.)

Assim, destacamos essa mediação quando o veículo de comunicação e o produto midiático foram mencionados, houve inclusão no debate de abordagens presentes no vídeo e ao identificarmos que o discurso influenciou o posicionamento do receptor.

Reportagem 2: Teste revela alto índice de agrotóxicos em alimentos

Vídeo postado em 4 de novembro de 2017 (https://www.facebook.com/portalr7/videos/128297164480159/). A apresentadora inicia a reportagem afirmando que parte dos alimentos consumidos possuem agrotóxicos em quantidades maiores que o permitido, segundo investigação realizada junto a centrais de abastecimento de São Paulo, Brasília e da zona cerealista da capital.

No vídeo, é exposto que 36% dos alimentos têm agrotóxicos. Foi incluído depoimento de pesquisador do Instituto Biológico de São Paulo, o qual comenta que,

em nível mundial, as substâncias químicas são aplicadas para evitar grandes perdas na lavoura, como no caso de pragas.

Há explicação do estudo - foco da matéria - o qual foi desenvolvido pela organização não governamental Greenpeace. A representante da ONG apresenta o objetivo dos testes. Na reportagem são citados os alimentos analisados e dito que o Instituto Biológico de São Paulo testou 113 kg de alimentos e, das 50 amostras, 30 continham resíduos de agrotóxicos. Alguns em quantidade acima do permitido por lei e mais de um tipo de substância. Também foram incluídos depoimentos de pessoas que afirmaram ter apresentado alergia e intoxicação alimentar. No encerramento do vídeo, sugere-se que as pessoas lavem bem os alimentos antes de ingerir.

A publicação teve 102 mil visualizações; 667 compartilhamentos; 774 curtidas e reações; e 54 comentários até dezembro de 2017.

Socialidade

Além de indicações da postagem a outros usuários (apenas por meio de citação dos nomes dos mesmos), dúvidas e opiniões, inclusive considerando a sociedade como um todo, estiveram presentes nos comentários. Os conhecimentos dos receptores acerca do tema também foram expostos por alguns:

> Muitas vezes, você vai procurar saúde comendo frutas verduras e legumes, e encontra agrotóxicos!! Essa é a mais pura verdade (N.F.)
> São esses agrotóxicos que causam câncer nas pessoas, muitas vezes, essas até que cuidavam da alimentação, mas, com esses tipos de agrotóxicos, não tem corpo que suporte (E.G.)
> Por isso muita gente tem câncer (A.O.G)
> Agora eu pergunto: o que vamos comer? Enfim, estamos condenados a ficar com doenças por causa do agrotóxico. (N.D.M)
> Sou prova viva, fiz endoscopia e deu bactérias de agrotóxicos de frutas e legumes. Tenso. (S.F.)
> A gente achando que é saudável ...povo quer saber só de ganha dinheiro mesmo (M.S.S.M.)
> Como tirar os agrotóxicos das coisas, usar o que para retirá-los?
> Vinagre é bom ou deixa de molho na água? (R. F.)

Martín-Barbero (2004, p. 230) explica que: “a socialidade dá nome à trama de relações cotidianas que tecem os homens ao se juntarem, e nas quais se ancoram os processos primários de interpelação e constituição de sujeitos e identidades”.

Observamos interação social e exposição de conhecimentos e experiências por pessoas que publicaram comentários relativos a essa reportagem no Facebook do portal R7.

Institucionalidade

Possíveis interesses de integrantes do poder público, do setor agrícola e da população foram destacados por alguns internautas:

> Porque as autoridades só administram o dinheiro público, e achando pouco ainda fazem os desvios; enquanto isso a população ta aí morrendo de câncer sem ter recursos pra serem tratados, porque pra essa classe só importa lucros... (J.F.)
> Pilantras. E a gente compra sem saber que estamos sendo enganados e envenenados. (E.F.)
> [...]. mas tomar alguma providência por parte das autoridades nada.... (M.D.)
> Nem comer podemos mais, querem matar o povo aos poucos. (J. A.)
> Por que as autoridades não veem isto? Pelo amor Deus. (L. S.)
> Sabe por quê? Porque eles não estão nem aí para o povo. Estão muito ocupados roubando tudo que eles podem. (M. E.)
> Meu Deus... como ser vegetariana ou vegana? (M. S. M.)

Essas declarações estão em consonância com o que diz Martín-Barbero (2003, p. 17), ou seja, a institucionalidade equivale a "uma mediação densa de interesses e poderes contrapostos [...] da parte dos cidadãos – maiorias e minorias –, buscam defender seus direitos e fazer-se reconhecer, isto é, re-constituir permanentemente o social".

Considerações finais

Com a ampliação do acesso à Internet e às redes sociais, os meios de comunicação tradicionais têm explorado multiplataformas na divulgação dos conteúdos que produzem e veiculam.

O portal R7, que abrange canais da Rede Record e que abordamos nesse estudo, publica em seu Facebook notícias em forma de texto e materiais exibidos em programas de entretenimento e jornalísticos, entre eles reportagens televisivas.

Manuel Castells inclui em seus referenciais o papel ativo da sociedade enquanto produtora e receptora no cenário das novas tecnologias, diferente da horizontalidade dos meios tradicionais. Assim, enquanto até os anos 1980, o público apenas podia interagir com a imprensa e manifestar sua opinião por meio de cartas e telefonema e, depois, por

e-mail, com as mídias sociais, é possível o indivíduo expor seu posicionamento logo que entra em contato com o conteúdo publicado. Embora haja filtros, é evidente que a autonomia e interatividade são marcantes e que houve alteração significativa nesse novo cenário comunicacional.

O pesquisador Martín-Barbero trouxe grande contribuição aos estudos de recepção ao considerar que há vários elementos que atuam na relação entre emissor e receptor e, consequentemente, nas leituras estabelecidas pelo público. Dessa maneira, utilizamos mediações propostas por esse autor na compreensão da percepção de postagens do Facebook em formato de vídeo.

A partir de duas reportagens televisivas publicadas no portal R7 constatamos que os discursos dos vídeos abrangidos nesse estudo não foram hegemônicos e que conhecimentos adquiridos pelos receptores de variadas maneiras foram apresentados.

Notamos sociabilidade entre os participantes do diálogo estabelecido na rede social, seja para a indicação do conteúdo, para oferecer dicas e esclarecimento de dúvidas entre os receptores e opinar sobre o assunto.

Apesar de a emissora utilizar pesquisas anunciadas como recentes e fontes de caráter científico, esses aspectos não inibiram opiniões de pessoas que tiveram acesso aos vídeos. Receptores questionaram desde a falta de atualidade do tema até a confiabilidade das investigações. Por outro lado, diversas pessoas demonstraram interesse em seguir recomendações apresentadas na reportagem 1. Aliás, a interatividade do público nesse vídeo foi maior e acreditamos que esse fator se deve a inclusão de abordagens de caráter mais prático que na reportagem 2.

Portanto, consideramos que mediações expostas por Martín-Barbero são compatíveis para a compreensão da percepção dos receptores que realizaram comentários no Facebook, inclusive, pelo fato de o formato postado na rede social ser o de um meio de comunicação tradicional, no caso a televisão. As metodologias utilizadas e diálogo com autores que dedicam seus estudos às redes é que devem ser diferenciais acrescentados em pesquisas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA Brasil. Facebook chega a 127 milhões de usuários no Brasil. Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-07/facebook-chega-127-milhoes-de-usuarios-no-brasil. Acesso em mar. 2019.

BRASIL, **Lei nº 7.802, de 11 de julho de 1989**. Dispõe sobre a pesquisa, a experimentação, a produção, a embalagem e rotulagem, o transporte, o armazenamento, a comercialização, a propaganda comercial, a utilização, a importação, a exportação, o destino final dos resíduos e embalagens, o registro, a classificação, o controle, a inspeção e a fiscalização de agrotóxicos, seus componentes e afins, e dá outras providências. Brasília – DF. jul. 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7802.htm. Acesso em: jan. 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

CGI, Comitê Gestor da Internet no Brasil. **TIC Domicílios 2017**: Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros. São Paulo: Comitê Gestor de Internet no Brasil, 2018. Disponível em: https://cetic.br/tics/domicilios/2017/individuos/C2/. Acesso em jan. 2018.

FONSECA, B. **26 mil brasileiros foram intoxicados por agrotóxicos nos últimos dez anos.** Pública, 6 agosto 2018. Disponível em: https://apublica.org/2018/08/26-mil-brasileiros-foram-intoxicados-agrotoxicos-ultimos-dez-anos/. Acesso em: ago. 2018.

JACKS, Nilda.; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências** – a emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Mediação e recepção.** Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo:** Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARTIN-BARBERO, Jesús, As formas mestiças da mídia. **Pesquisa FAPESP Online**, setembro 2009. Entrevista concedida à Mariluce Moura. Disponível em http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/09/01/as-formas-mesticas-da-midia/. Acesso em: nov. 2017.

NÚCLEO de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC). **TIC Domicílios – 2016**. Disponível em: http://cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores. Acesso em: dez. 2017.

RIBEIRO, Deise Helena Baggio; VIEIRA, Eliane. **Avaliação do potencial de impacto dos agrotóxicos no meio ambiente.** Disponível em: http://www.infobibos.com/Artigos/2010_2/agrotoxicos/index.htm. Acesso em: dez. 2017.

RUDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SILVA, Ronei Teodoro; CARDOSO, Roberta Mânica. A mediação nos processos de comunicação na internet. **Conexão** – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 15, n. 29, jan./jun. 2016, p. 81-99.